

LITERATURA E HISTÓRIA NA OBRA *O CÃO SEM PLUMAS*

Literature and history in the work *O cão sem plumas*

Aurora Cardoso de Quadros¹

Artigo recebido em: 21/03/2020

Artigo aceito em: 10/06/2020

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a relação entre Literatura e História na obra *O cão sem plumas*, de João Cabral de Melo Neto. Por meio do método comparativo, parte-se do fato de que essa combinação é pressuposto básico da representação mimética. O foco do estudo lança um olhar para as faces do poema, representativo do Rio Capibaribe, oscilando entre o ângulo do historiador e o ângulo do poeta. Como resultado do estudo, pode-se entender a constatação de que a história está na poesia, como a poesia está na história, numa interação cooperativa e complementar. Tomam-se, como base teórica de reflexão sobre a ligação entre as duas áreas, autores como Sidney Chalhoub e Afrânio Coutinho, que apresentam abordagem associativa entre ambas e possibilitam a confirmação dessa interação.

PALAVRAS-CHAVE: O cão sem plumas; Literatura; História.

ABSTRACT

This article aims to analyze the relationship between Literature and History in the work *O Cão sem plumas*, by João Cabral de Melo Neto. Using the comparative method, we start from the fact that this combination is the basic assumption of mimetic representation. The focus of the study takes a look at the faces of the poem, representative of the Capibaribe River, oscillating between the angle of the historian and the angle of the poet. As a result of the study, one can understand the observation that history is in poetry, as poetry is in history, in a cooperative and complementary interaction. As a theoretical basis for reflection on the connection between the two areas, authors such as Sidney Chalhoub and Afrânio Coutinho, who present an associative approach between both and allow confirmation of this interaction, are taken.

KEYWORDS: O cão sem plumas; Literature; History.

¹ Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo – USP. Professora efetiva da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4859757949618662>. E-mail: auroracardoso2020@hotmail.com. Membro do GPLV.

1. Introdução

A literatura, embora não se configure como documento nem se pautado pelo compromisso de retratar a realidade empírica, conforma-se, como todo produto humano, à natureza do seu sujeito, o autor, ser social, que nela imprime valores, ideologias, aspectos psicológicos e suas vivências. Assim, a obra literária traz invariavelmente outras informações subliminares ou explícitas, além da essência poética, dos elementos ligados aos seus componentes primazes, ou seja, os aspectos formais, como a linguagem, a metáfora, os recursos expressivos criadores de símbolos etc.

Tais informações encontram-se no fato de que a literatura, sendo o produto de um ser social, embora seja acima de tudo artefato, liga-se aos aspectos do mundo social, onde ela, em última instância colhe seus assuntos, seus conhecimentos, ideias e outros materiais abstratos intangíveis, mas, se examinados com cuidado, sempre perceptíveis. Nessa linha, vários estudiosos teorizam sobre essa associação, desde os filósofos da antiguidade com suas elaborações a respeito da literatura, já então entendida como representação das virtualidades, das possibilidades do mundo e do homem. A imitação, ainda que ficcional, estava associada ao campo da história porque mesmo que mimetizando a realidade, é na circunscrição histórica que colhe seus fios para a tessitura fabular ou lírica ou quaisquer que sejam as espécies dos artifícios.

É esse o caso da obra *O cão sem plumas*, de João Cabral de Melo Neto (2007), cuja escrita traz a simbologia da metáfora na superfície do texto, mas a história participa como testemunha em seus referenciais, não apenas implicados de modo implícito no texto poético, mas explicitados pelos dados biográficos e históricos em torno do seu autor, e expostos nos versos. O rio Capibaribe insurge como elemento que concatena o elemento externo, no fato de que João Cabral interpreta a história construindo seu percurso decadente e duro; e o elemento interno, no fato de que o rio torna-se um cão miserável cercado de homens também miseráveis,

simbolicamente representados como vítimas e predadores, uma vez que vivem desse cão.

Assim, este trabalho parte desse pressuposto da amarração dos aspectos históricos na tessitura do texto literário. As teorias se articulam para ponderar fatos adversos ante a radicalização de se posicionar como que empunhando uma lupa em busca da história, mas também para reafirmar os fatos históricos presentes em determinada construção literária e em toda construção literária de modo genérico. Também afirmam a histórica natureza do próprio texto esteticamente idealizado, admitindo, explicando e defendendo a inerência da história na tessitura da obra ficcional.

O cão sem plumas, de João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto, nos versos de “*O cão sem plumas*” (2007), constrói a realidade dura e fétida do Rio Capibaribe. Numa linguagem intuitiva, as imagens delineiam a situação de precariedade e degenerescência do seu curso, revelando a verdade estagnada e agonizante. Em seu entorno, homens de vida sorvida em sua lama se misturam em simbiose com o próprio rio, meio onde trabalham e de onde tiram o sustento. A simbologia de um cão sem plumas, as quais não são de fato naturais num cão, estende-se àqueles indivíduos da cidade do Recife que transitam no e em torno do Capibaribe. Nesse sentido, torna-se inevitável assumir o ângulo da História e perscrutar os referentes do poema em seu percurso, fazendo uma leitura intuitivamente associativa com a realidade empírica. Os próprios versos são agrupados em quatro partes, sendo essas introduzidas por uma espécie de título entre parênteses e em itálico. As duas primeiras partes são apresentadas com a expressão “(*Paisagem do Capibaribe*)” (MELO NETO, 2007, p. 137;141). Todos os itálicos dos títulos são grifos do autor). A terceira parte apresenta-se como “(*Fábula do Capibaribe*)” (MELO NETO, 2007, p. 146), e a quarta, apresentada como “(*Discurso do Capibaribe*)” (MELO NETO, 2007, p. 150), fecha o conjunto. Com essa antecipação referencial,

cria a expectativa de uma poética que liga a imaginação criativa aos elementos factuais. O componente histórico, portanto, fica em um plano paralelo de leitura e como ingrediente inerente dos sentidos no próprio interior do corpo estruturante e estruturado pela palavra em forma de arte. Assim, a literatura confirma-se como um produto advindo da História que acaba por representá-la em sugestiva reciprocidade.

Porém, como na configuração artística a natureza do conhecimento intuitivo supera o conceitual, mesmo com as evidências geográficas e históricas, a presunção de equiparar literatura e História permanece, como já é amplamente sabido, fora de cogitação nos estudos analíticos literários. Mas, em *O cão sem plumas*, nem a força das metáforas nem o surrealismo da técnica fazem com que a realidade empírica do rio Capibaribe, que corta a cidade do poeta, Recife, seja esquecida pelo percurso das palavras que o representam, mesmo porque:

A cidade é fecundada
por aquela espada
que se derrama)” (MELO NETO, 2007, p. 146).

A escrita, ainda que crie extraordinárias metáforas e siga essa técnica de construção surreal, torna clara aos olhos do leitor a ligação do protagonista, que é o expresso rio Capibaribe, com os componentes históricos que o envolvem. A História, desse modo, se reafirma não apenas como fonte implícita, como ocorre em qualquer produção do homem, mas como elemento trazido pela luz do poeta, que a entrega sem a exigência de esforços ou maior empenho de desvelamento por parte do leitor. A consciência do aspecto referencial, contudo, não suprime a necessidade de consideração do que é primaz na obra literária. Afrânio Coutinho diz:

Diferentemente da literatura, é a história uma atividade racional de conhecimento e interpretação do passado, utilizando-se de toda uma aparelhagem técnica e conceitual, fornecida por diversas ciências auxiliares. Seu objetivo é o fato histórico, acontecido precisamente num determinado tempo e lugar. Não pode fugir do fato, e a ele se dirige através dos documentos escritos e monumentais, os vários testemunhos da ação humana através dos tempos e lugares. É, portanto, uma ciência, isto é, uma atividade rigorosa, que visa ao estabelecimento dos fatos, com a possível certeza que lhe dão o método e as técnicas científicas. (COUTINHO, 1987, p. 659)

Assim, a literatura se confirma como histórica de forma factual, porém não documental. Em *O cão sem plumas*, o rio/cão associa-se ao homem que nele trabalha, à vida desse homem e à sua morte. Nesse sentido é que se constrói uma organicidade em torno da metáfora “sem plumas”, que dá o tom de precariedade, sofrimento e pobreza aos elementos organicamente apresentados em torno do seu eixo central: o rio Capibaribe. Os definidores do rio focado pelo poema, desde o título, ligam a um sentido de carência e aridez aos fatos e seres nele representados pela metáfora “sem plumas”. Além do rio, há o homem “sem plumas”, a vida “sem plumas” e a morte “sem plumas”. Esse símbolo da pluma na obra, que lembra a maciez, o adorno, o enfeite, o supérfluo, um adereço que se acrescenta para enfeitar a imagem, também é o que protege pássaros das intempéries. As plumas, presentes nas aves, não fazem parte da fisiologia canina. No entanto, João Cabral, no poema, traz plumas de um modo que já se instala polêmico. O rio Capibaribe é um cão. E um cão sem plumas. A destituição das plumas promove um efeito ambíguo e paradoxal. Retirar algo que não se possui torna-se intrigante e denso. Assim iniciam-se os sentidos da leitura de *O cão sem plumas*: sob o signo da metáfora e do paradoxo. Contudo, o leitor pode perceber que se trata de um estado de precariedade, a ausência do conforto, do elemento melífluo de determinado objeto. Então percebe que se trata da realidade recifense do rio e dos homens em seu entorno. Porém, a construção poética dará novo contorno a essa realidade, sendo que ao promover nova visão da sua natureza mantém um elo com o real, reforçando que a literatura consiste em “fatos eminentemente associativos; obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em seu conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos.” (CANDIDO, 2000, p. 127). Portanto, a relação entre Literatura e História é considerada natural, uma vez que, sendo sujeito social, o escritor é influenciado pelo seu meio, o que implica que a literatura também é social. Em vários pontos, o caráter exterior, histórico da literatura se evidencia como natural: como produto de um ser social, como escrito para outro ser social, como trato de fatos sociais, como expresso em uma linguagem que representa um código que será

compreendido pelos sujeitos históricos envolvidos no seu processo, dentre outros fatores.

A imagem que se constrói, mistura o mau cheiro, a pobreza, a fome, a doença. Então se percebe que da vida se retirou a facilidade, o acesso aos bens de toda ordem, o direito ao sonho, ao básico, às plumas. Nesse sentido, “pluma” representa juntamente com sua negativa, o seu oposto. Na sua dureza, a palavra está posta e dá o sentido da vida estanque, sem adornos nem expectativa. Mas, se o rio é apresentado como estagnado e fétido, a visão que o percorre vai construindo uma dinâmica que movimenta as sensações e os sentidos, para configurar a participação social que aponta para a injustiça e o lado pobre e feio do Capibaribe.

A palavra está em movimento e podemos perceber (ou não) como ela se constrói ao mesmo tempo como sujeito e objeto, criador e criatura. “Cão sem plumas”, expressão hiperbólica e original, que, por si mesma já se sustenta como “natureza estética”, dependendo do olhar, pode se distinguir entre observadora, nas possibilidades de atuar de forma que nos espera, nos desafia ou apenas é trazida e apresentada como o resultado de um artesanato. Mas, para Eucanaã Ferraz, “o caráter construtivo da poesia de João Cabral está muito além do simples artesanato da escrita.” (FERRAZ, 2008, p.13). E representando esteticamente seu olhar sobre o rio, João Cabral acaba por criar sentidos da História. Antonio Candido Seu modo artístico de representá-la toca o lado espiritual devido ao modo com que se percorre o trajeto traçado pelo rio, cujo conhecimento intuitivo envolvido na abordagem artística associa-se à experiência do autor, tornando-as, no caso dessa obra, condições complementares para o entendimento dos sentidos do texto, como parte integrante evidente da literatura do recifense que revela a tristeza da sofreguidão da vida do rio e do homem enlameado por ele. Há versos enternecedores que atestam o sentimento provocado pelas suas metáforas:

Aquele rio é espesso
Como o real mais espesso.
Espesso
por sua paisagem espessa,

onde a fome
estende seus batalhões de secretas
e íntimas formigas. (MELO NETO, 2007, p. 152)

Mas é inegável que reside nessa sua palavra poética um potencial de despertar no fluxo da consciência acomodada um viés que aprofunda em outras paragens. Aponta para novos trajetos, abstratos ou concretos. Na força de desacomodar um estado de coisas, reorganiza outros pontos de vista, cria novas virtualidades com sugestões chocantes de se ver a realidade do rio que segundo Alfredo Bosi “carreia os detritos dos soldados e dos mocambos recifenses” (BOSI, 1974, p.523). Com a apresentação do homem sem plumas, é como se ouvíssemos uma voz que nos fizesse pensar incomodados ou enternecidos, pela poesia, sobre como tudo isso pode acontecer ante a inércia cega, muda e surda dos indivíduos reais. O nordestino recifense insurge num plano ora consciente, ora inconsciente, o que parece promover reflexões potenciais sobre a condição humana e sobre a natureza e, principalmente sobre o que o homem tem feito dos recursos naturais. Isso ocorre de modo subliminar, conforme explica Sidney Chalhoub, segundo o qual “a literatura busca a realidade, interpreta e enuncia verdades sobre a sociedade, sem que para isso deva ser a transparência ou o espelho da “matéria” social que representa e sobre a qual interfere.” (CHALHOUB, 2003, p. 93. Grifos do autor).

Ao apresentar o rio Capibaribe pela metáfora de um cão exaurido e fraco, João Cabral de Melo Neto faz da ausência de “plumas” o qualificativo do rio, dos homens que labutam na pesca do seu mangue e que, literalmente marginalizados, morrem também sem plumas. O rio sem plumas, a vida sem plumas, a morte sem plumas, revelam a ausência de lirismo, do ponto de vista em que ao buscar o objeto rio, com sua realidade interna e sua realidade marginal, o poema torna-se exemplo da objetividade dura e seca, pretendida pelo poeta. Nesse ponto reflete o aspecto externo, sendo refletido pelo ingrediente interior da sua veia, nitidamente reveladora dos atributos da sua natureza: poética, ao criar a estrutura pela arte ficcional, e crítica ao representar e denunciar os problemas do mundo em que vive. Vitor Manuel de Aguiar e Silva diz que:

A comparação do acto criador, com o espelho que reflecte a realidade, é comumente usada desde a Renascença, e esta analogia revela bem o ideal mimético assinalado à arte, embora geralmente nunca se defenda o princípio em que a obra artística deve constituir uma imagem exacta da realidade.” (AGUIAR e SILVA, 1979, p. 145).

A imagem da trajetória das águas até a desembocadura no mar é construída por meio das afirmativas da negação e da aspereza, cuja complexidade imagética não é proporcional à fluência das associações possíveis que os sentidos propiciam. Isso, porque a paisagem do rio Capibaribe já não propicia o idílio de outrora, mas salta aos olhos os problemas da atuação humana sobre sua existência. O poema inicia-se com a imagem do rio que corta a cidade, e na parte I, intitulada “Paisagem do Capibaribe” os versos circunscrevem o panorama:

A cidade é passada pelo rio
como uma rua
é passada por um cachorro;
uma fruta
por uma espada. (MELO NETO, 2007, p. 137).

O rio Capibaribe instala-se como ângulo de visão para compor as imagens do poema. O sentido da falta, da ausência e da destituição vai se instalando na medida em que os versos constroem a realidade do rio e o seu entorno:

O rio ora lembrava
a língua mansa de um cão,
ora o ventre triste de um cão,
ora o outro rio
de aquoso pano sujo
dos olhos de um cão. (MELO NETO, 2007, p. 137).

Para, a seguir, comparar:

Aquele rio
era como um cão sem plumas
Nada sabia da chuva azul,
da fonte cor-de-rosa,
da água no copo d’água,
da água de cântaro,
dos peixes de água,
da brisa na água.

O efeito propiciado pela analogia entre pelo e pluma é, ao mesmo tempo que de transfiguração da realidade, transfere suas bases, construindo pela negação a

sugestão da carência do rio, da falta dos elementos saudáveis e vitais; e o rio carece das benesses relacionadas à vida vigorosa que fervilha em um rio também vigoroso. A intencionalidade, embora não constitua o elemento primaz na obra de arte, aqui ressalta o aspecto degenerado cujo referencial está implícito. Arnold Auser, na obra *História social da literatura e da arte* (1972), explica a essência desse fato inerente à arte:

Em nenhuma das fases de produção de uma obra de arte as intenções artísticas e a técnica são, na verdade, separáveis; ambas não passam de aspetos de um mesmo processo e só em teoria são diferenciáveis. Tratar uma das duas como uma variável independente é, ilegítima e irracionalmente, exaltar uma acima da outra e é uma maneira romântica de pensar. A verdadeira relação que existe entre os dois critérios de nenhuma maneira surge da sua seqüência subjetivamente sentida em consciência, durante o ato da criação, porque esta seqüência é influenciada tanto por fatores incalculáveis, como por fatores “acidentais”. (HAUSER, 1972, p. 323-4).

Assim, buscar a intenção presente no processo criador da obra supera os limites da relação entre os componentes interno e externo da obra, uma vez que deste último podemos guardar as impressões, as sugestões, até mesmo naquilo que é posto concretamente, como é o caso do nome do rio, dos dados biográficos que se conhecem etc. Um dispositivo de interpretação lida com a hipótese referencial de que dispõe, muitas vezes, aproxima-se em evidência como vem sendo dito. Mas, a mimese em seu sentido originalmente encontrado na Poética aristotélica, (ARISTÓTELES, 1999) lida com o que ele mesmo diz ser “possível” no mundo real, sem compromisso com a realidade empírica. Também as associações são inerentes ao ato interpretativo e na dinâmica associativa torna-se impossível não captar suas possibilidades mais prováveis, no contínuo, por assim dizer, ficcional da literatura. Por exemplo, sabe-se da poluição do rio Jaguaribe, da diminuição da sua vazão, da insalubridade para peixes, da impureza da sua água, não apropriada para beber. Tal fato é instantaneamente evocado nos versos que se seguem aos últimos citados sobre o rio:

Nada sabia da chuva azul,
da fonte cor-de-rosa,
da água do copo de água,
da água de cântaro,
dos peixes de água,
da brisa na água. (MELO NETO, 2007, p. 137).

A vitalidade presumida na cor rosa, na água pura, na água de beber, nos peixes, na suavidade e frescor da brisa é trazida como negação. Em contrapartida apresentam-se outros elementos, sensivelmente diferentes:

Sabia dos caranguejos
de lodo e ferrugem.
Sabia da lama
como de uma mucosa. (MELO NETO, 2007, p. 138).

Nesse literal acidente geográfico, o rio se elide como vítima inerte e alienada, inconsciente dos fatos da vivacidade. Apenas os caranguejos são contemplados no rio, lembrando o mangue, sua atmosfera fétida e estanque. Os versos vão negando a vida ágil, dinâmica, que geralmente tem um rio, ao mesmo tempo em que vão implantando a atmosfera abafada e suja. O rio “não se abre aos peixes” nem “em peixes”; “Abre-se em flores pobres e negras”, em “flora suja e mendiga”. Então a vida “suja e abafada” que o rio promove, vai lhe justificando a ausência de plumas.

Outra imagem de força é a estagnação do rio. Em silêncio, o que pode render vem da lama negra que fecunda escassamente; o processo de tal fecundidade pobre é representado em flashes, com imagens como luvas de terra negra; botina de terra negra. O modo como a pobre fecundidade do rio é representada revela o exíguo produto, caranguejos e ostras, associando-se, ao mesmo tempo, à pobreza dos homens que pescam na sua lama. A estagnação retrata tanto o estado da água em lama quanto uma visão da vida do homem que vive fadado a enfiar as mãos e os pés na lama do manguezal, o que se pode, de modo objetivo, conferir na realidade daquele espaço. Sendo assim, o fator externo reitera a força das imagens agudas, percebidas pelo olhar, também agudo, de quem vê através da lama e lembra a impossibilidade de dissociar autor e obra. O primeiro, sendo um ser histórico, está ligado ao seu escrito, como produto histórico. Lidando com as duas formas de tratamento e concepção do texto literário, ou seja, considerando seus elementos intrínsecos (internos) e seus elementos externos (sociais, históricos) Antonio Candido diz:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*. (CANDIDO, 2000, p. 5-6. Grifos do autor).

Neste ponto, evidencia-se o traço da atitude social participativa do discurso, que revela a desigualdade existente entre os ambientes percorridos pelo rio. Os palácios, com suas salas de jantar, abrigam famílias que viram as costas para a vida marginal, pobre, faminta e abafada que trabalha no rio. A fartura representa-se por imagens como “ovos gordos”, “árvores obesas/ pingando mil açúcares”, expressões ligadas ao ambiente das famílias da cidade. A denúncia da injustiça está implícita e se faz pela palavra que traz em si a analogia com o sentido negativo, viscoso e vicioso da desigualdade entre elite e pobreza, para cuja solução nada se faz:

Na paz redonda das cozinhas,
ei-las a revolver viciosamente
seus caldeirões
de preguiça viscosa. (MELO NETO, 2007, p. 140)

Neste ponto observa-se o aspecto sociológico da literatura e sua capacidade de nos tornar mais reflexivos (ao ler o ponto de vista da obra que aponta para a injustiça, refletimos sobre nossos próprios atos). A força da linguagem retrata o contraste entre a impressionante miséria e o luxo, cujos elementos conjugam para compor o quadro duplo das duas faces, os abastados e os desprovidos que integram o rio. A seguir, o foco torna-se voltado para estes últimos:

Entre a paisagem
(fluía)
de homens plantados na lama;
de casas de lama
plantadas em ilhas
coaguladas na lama;
paisagem de anfíbios
de lama e lama.

Como o rio
aqueles homens
são como cães sem plumas
(um cão sem plumas
é mais
que um cão saqueado;
é mais
que um cão assassinado.

Um cão sem plumas
é quando uma árvore sem voz.
É quando de um pássaro
suas raízes no ar.
É quando a alguma coisa
roem tão fundo
até o que não tem).

O rio sabia
daqueles homens sem plumas.
Sabia
de suas barbas expostas,
de seu doloroso cabelo
de camarão e estopa. (MELO NETO, 2007, p. 141-2)

Nota-se que a trajetória e a natureza do Capibaribe equiparam-se à dos homens recifenses que vivem à suas margens, também “sem plumas”. E o rio antropomórfico se afina com o homem sem pluma, que vai se extinguindo na realidade rio. O rio então absorve o homem, cuja morte é também sem plumas, pois não há matéria suficiente para a morte, apenas um fio de homem, que vai se perdendo pouco a pouco. Significativa é a simbiose de homem e lama, que confunde onde começa um e termina o outro; tornando indefinível onde o homem, ele mesmo, começa a ser-se. O homem é diminuído abaixo do ínfimo:

mais alguém do homem
ao menos capaz de roer
os ossos do ofício;
capaz de sangrar
na praça;
capaz de gritar
se a moenda lhe mastiga o braço;
capaz de ter a vida mastigada
e não apenas
dissolvida
(naquela água macia
que amolece seus ossos
como amoleceu as pedras). (MELO NETO, 2007, p. 145)

Ou seja, um homem exaurido da essência vital, um homem que se perde em termos de essência e circunstância humana. Um sujeito que sobrevive do rio, mas que é extenuado também por esse rio. Assim, constrói-se o paradoxo do rio que o mantém e que o mata. Do mesmo modo que Chalhoub (2003) entende que Machado de Assis toma a história e transmuta-a em força criadora, João Cabral de Melo Neto utiliza a realidade vivida como mote ao seu talento criativo. Entende-se, portanto, que ele representa a história, embora não seja obrigado a cumprir as suas leis e pressupostos, pois desfruta da liberdade poética, e os conhecimentos primazes do seu produto giram em torno da intuição e da subjetividade. Esses componentes espirituais fornecem o modo de interpretar o que se vê e se vive, na infinita liberdade de acrescentar ou retirar detalhes, ingredientes, mesmo invertendo, subvertendo, transformando, criando novas hipérboles, eufemismos, símbolos vários aos moldes da palavra imaginativa, que se liga à vida pela mente atenta ao seu tempo. Machado de Assis assume um ponto de vista cuja definição de autor consciente parece se adequar perfeitamente ao procedimento de João Cabral em relação ao trato que dá, em sua poesia, à realidade do rio Capibaribe na cidade e na sociedade recifenses. Diz ele que o escritor:

deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço (ASSIS, 1994, p. 804).

Considerações finais

Diante do exposto, fica clara, por um lado, a natural relação entre literatura e história; por outro lado, a verificação de que *O cão sem plumas* consiste em exemplar conveniente ao debate acerca dessa associação de ambas. O poema que metaforiza o rio Capibaribe torna-se sua representação intuitiva, o que implica em que sendo literatura, como produto do homem, está inserida em um contexto histórico que reflete as experiências do seu autor, veiculando aspectos de sua vivência. No caso do recorte aqui realizado, explicitam-se fatos históricos e geográficos em torno do rio,

inevitavelmente associados aos fatos históricos, geográficos e sociais do Recife, cidade natal do poeta João Cabral de Melo Neto. Tal associação não advém de ser a literatura um retrato da verdade nem de possuir a obrigatoriedade de retratar o mundo em suas convicções. A associação advém da não dissociabilidade entre o que é literário e o que é social, uma vez que ambos se imbricam de modo inerente.

A história escreve o homem e o homem, ao escrever literatura, reciprocamente insere o mesmo homem na história, sintonizando-o em um contexto que retrata intencionalmente, ou não, suas experiências empíricas, ainda que essas estejam no nível abstrato ou inconsciente. Todo produto do homem é resultado da sua atuação sobre a matéria-prima utilizada naquele produto. Nos versos que metaforizam o rio Capibaribe como um cão, e que também metaforizam a precariedade do rio por meio do designativo “sem plumas”, há o envolvimento de um modo intuitivo de ver a realidade histórica ou, pelo menos, uma forma intuitiva de recriá-la. Mas a analogia nessa criação aproxima história e arte.

Na literatura, a palavra, material acrescido do contágio pelo significado, constrói os sentidos extraordinários ao campo da estrutura e remete o homem aos seus espaços mentais, amalgamados pelos fatos históricos, mas também ao campo do possível, do descompromisso com a mesma verdade que, às vezes se busca; às vezes se imita. Às vezes também se enfeita de plumas, estrelas e flores, como é o caso dos românticos; às vezes lhe revelam a dureza e a carência, como é o caso do poema de Melo Neto aqui analisado. A verdade ou seus níveis inalcançáveis no texto literário, ao contrário da história, muitas vezes e, em algumas vezes de modo semelhante à história, parece brincar no dinâmico movimento de revelar e esconder a verdade perseguida. E dando seu tom a história, a literatura também se colore pelo tom dessa. Assim ambas se entendem e desentendem, por paradoxal modo de dizer, em conflituosa harmonia. A poesia de *O cão sem plumas* oferece à história um componente emocional que, enquanto artefato, na verdade, não atua ortodoxamente de modo a desmenti-la nem de modo a afirmá-la, mas de modo a abrigá-la, de um jeito inexato e inestimável, como parte de si. Torna-se, portanto, interessante subsídio ao historiador

no trato das questões da disciplina, por tornar o debate sobre a história mais flexível, utilizando a subjetividade assumida da arte e pincelando com ela a objetividade pretendida da história.

Referências

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de Teoria da literatura. Coimbra: Almedina, 1979.

ARISTÓTELES. *Poética*. In: *Os pensadores: Aristóteles*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade. *Obras Completas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1974.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

CHALHOUB, Sidney. Machado de Assis, historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

COUTINHO, Afrânio. *Crítica e Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: PROED, 1987.

FERRAZ, Eucanaã. Belo, Bula. In: MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

MELO NETO, João Cabral de. *O cão sem plumas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.